Artigo original
https://doi.org/10.54260/eb.v40i149.1008
ESTUDOS BÍBLICOS

O encontro com o Ressuscitado:

uma análise exegética de Lc 24,36-49

The encounter with the Resurrected: An exegetical analysis of Lc 24,36-49
El encuentro con el Resucitado: Un análisis exegético de Lc 24,36-49

Waldecir Gonzaga* e Wagner de Sousa Andrioni**

* Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana e Pós-Doutorado pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Criador e líder do Grupo de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica.
waldecir@hotmail.com

** Graduado em Teologia pela Faculdade das Assembleias de Deus e em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional. Mestrando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. Membro dos Grupos de Estudos Análise Retórica Bíblica Semítica e Tradição e Literatura Bíblica.
wagnerandrioni@gmail.com

Recebido em: 12/05/2024
Aprovado em: 05/10/2024

Licença *Creative Commons*
CC BY-NC 4.0





Resumo

A ressurreição de Jesus é a afirmação central da fé cristã. Há diversos relatos nos Evangelhos sobre a ressurreição e aparição de Jesus a diversas pessoas, como também em 1Cor 15,3-8. Na história da ressurreição, segundo Lucas, a aparição do Ressuscitado acontece na própria cidade de Jerusalém (Lc 24,33-36), na tarde do mesmo dia em que se descobre o túmulo vazio. Os dois discípulos que regressaram de Emaús, enquanto relatam aos outros a própria experiência, testemunham junto aos demais a aparição de Jesus Ressuscitado à célula germinativa da comunidade cristã, uma igreja doméstica composta pelos seus seguidores, reunidos num clima de espanto, dúvida e descrença (Lc 24,36-43). Jesus se dá a conhecer, mostra suas mãos e pés com os sinais da crucifixão e pergunta se eles têm alguma coisa para comer. Oferecem-lhe um pedaço de peixe assado; ele o toma e come diante deles. Lucas é o único evangelista a informar que o Ressuscitado toma uma refeição. Novamente Jesus faz os discípulos entenderem que ele cumpre as profecias. A totalidade da Sagrada Escritura conduz para Jesus e aos eventos a ele relacionados; então, ele envia os discípulos em missão. O testemunho e o anúncio devem começar por Jerusalém. O Evangelho de Lucas converge para Jerusalém, e a metade do Evangelho narra o caminho para lá (Lc 9,51–19,47). É em Jerusalém que Jesus dá o testemunho e é ali que começa também o testemunho dos discípulos; depois disso, deve este testemunho chegar a todos os confins do mundo (At 1,8).

Palavras-chave: Jesus Cristo, Páscoa, Crucificado, Ressuscitado, Escrituras.

Abstract

The resurrection of Jesus is the central affirmation of the Christian faith. There are several accounts in the Gospels about the resurrection and appearance of Jesus to different people, as well as in 1Cor 15,3-8. In the story of the resurrection, according to Luke, the appearance of the Resurrected One takes place in the city of Jerusalem itself (Lc 24,33-36), on the afternoon of the same day that the empty tomb is discovered. The two disciples who

returned from Emmaus, while telling others about their experience, witness with the others the appearance of the Resurrected Jesus to the germinal cell of the Christian community, a domestic church made up of his followers, gathered in an atmosphere of amazement, doubt and disbelief (Luke 24,36-43). Jesus makes himself known, shows his hands and feet with the signs of the crucifixion and asks if they have anything to eat. They offer him a piece of roasted fish; he takes it and eats it before them. Luke is the only evangelist to report that the Resurrected One takes a meal. Again Jesus makes the disciples understand that he fulfills the prophecies. The entirety of Holy Scripture leads to Jesus and the events related to him; then, he sends the disciples on a mission. The testimony and announcement must begin in Jerusalem. Luke's Gospel converges on Jerusalem, and half of the Gospel narrates the journey there (Luke 9,51–19,47). It is in Jerusalem that Jesus gives his testimony and it is there that the disciples' testimony also begins; After that, this testimony must reach all the ends of the world (Acts 1,8).

Keywords: Jesus Christ, Easter, Crucified, Resurrected, Scriptures.

Resumen

La resurrección de Jesús es la afirmación central de la fe cristiana. Hay varios relatos en los Evangelios sobre la resurrección y aparición de Jesús a diferentes personas, así como en 1Cor 15,3-8. En el relato de la resurrección, según Lucas, la aparición del Resucitado tiene lugar en la propia ciudad de Jerusalén (Lc 24,33-36), en la tarde del mismo día en que se descubre la tumba vacía. Los dos discípulos que regresaron de Emaús, mientras cuentan su experiencia, presencian con los demás la aparición de Jesús Resucitado en la célula germinal de la comunidad cristiana, una iglesia doméstica formada por sus seguidores, reunidos en un ambiente de asombro. duda e incredulidad (Lc 24,36-43). Jesús se da a conocer, muestra las manos y los pies con los signos de la crucifixión y pregunta si tienen algo de comer. Le ofrecen un trozo de pescado asado; lo toma y lo come delante de ellos. Lucas es el único evangelista que informa que el Resucitado come. Nuevamente Jesús hace entender a los discípulos que él cumple las profecías. Toda la Sagrada Escritura conduce a Jesús y los acontecimientos relacionados con él; luego, envía a los discípulos a una misión. El testimonio y el anuncio deben comenzar en Jerusalén. El Evangelio de Lucas converge en Jerusalén, y la mitad del Evangelio narra el viaje hasta allí (Lc 9,51–19,47). Es en Jerusalén donde Jesús da su testimonio y es allí donde comienza también el testimonio de los discípulos; Después de eso, este testimonio debe llegar a todos los confines del mundo (Hch 1,8).

Palavras clave: Jesucristo, Pascua, Crucificado, Resucitado, Escrituras.

1 Introdução

A esperança judaica e do AT afirmava que a ressurreição ocorreria no fim da história, portanto, a ressurreição de Cristo foi o começo do fim dos tempos (Wright, 2017, p.

144-304). É preciso lembrar que a ressurreição do corpo ocorreria somente no fim das eras, quando a corrupção de toda criação cessaria e começaria uma nova criação. Da perspectiva conceitual, a ressurreição equivale à nova criação porque os seres humanos redimidos participam da nova criação com o corpo transformado, criado de novo (Beale, 2018, p. 205). O surpreendente desenvolvimento de uma visão exaltada de Cristo no pensamento dos primeiros discípulos exige uma explicação adequada. Essa explicação só pode ser encontrada na ressurreição. Nenhuma abordagem à cristologia do NT é possível sem chegar a um acordo com a ressurreição. Mas a busca pela compreensão foi confundida pelo debate sobre a historicidade do acontecimento. Alguns intérpretes ignoraram completamente a sua relevância (como a escola liberal do século XIX); outros negaram-no como acontecimento, mas mantiveram-no como experiência (como Bultmann); e ainda outros, aceitando o sobrenatural, consideraram-no um acontecimento, embora mesmo dentro deste grupo tenha havido diferenças na sua explicação (Guthrie, 2011, p. 379).

Fato é que, a ressurreição de Jesus é a afirmação central da Fé cristã e muitos são os relatos nos Evangelhos sobre a ressurreição de Jesus e, seu aparecimento a diversas pessoas. Mt 28,1-15; Lc 24,1-12 e Jo 20,1-10 narram a ida de Maria Madalena e outras mulheres ao sepulcro de Jesus e o encontram vazio. Os anjos anunciam que Jesus ressuscitou. Pedro e o discípulo amado vão ver o sepulcro vazio. O Senhor ressuscitado aparece às mulheres. Lc 24,13-35 apresenta a narrativa onde Jesus caminha e conversa com dois discípulos na estrada para Emaús. Eles não o reconhecem até que Ele lhes parte o pão. Mt 28,16-20 e Jo 20,19-31 enunciam Jesus que aparece a seus apóstolos, mostra-lhes que ressuscitou e ordena-lhes que ensinem o evangelho a todas as nações. Tomé toca as marcas nas mãos, nos pés e no lado de Jesus. Jo 21 relata mais uma aparição de Jesus, onde aparece novamente a alguns dos apóstolos no mar de Tiberíades (mar da Galileia). Ele ordena a Pedro: "Apascenta as minhas ovelhas". Há também, embora seja considerado um apêndice ou uma adição posterior por diversos estudiosos, o texto em Mc 16, que narra a ressurreição do Senhor Jesus.

A cristofania aos Doze, em Lc 24,36-53, o Terceiro Evangelho, aceito como canônico desde os tempos antigos, aparecendo em todas as listas e catálogos bíblicos desde os primórdios do cristianismo (Gonzaga, 2019), compreende-se essencialmente em relação ao conjunto narrativo do capítulo 24, no qual, as seis perícopes que o compõem estão reunidas numa tela tecida estreitamente: as mulheres no sepulcro (v. 1-11), Pedro no sepulcro (v. 12), o episódio de Emaús (v. 13-32), a cristofania a Pedro (v. 32-35), a cristofania aos Doze (v. 36-49) e a ascensão (v. 50-53). Cada unidade tem sua função específica na instalação das bases essenciais à continuidade teológica, ética e missionária entre Lucas e os Atos dos Apóstolos. Uma importante corrente cruzada em tudo isso é indicada pela questão quanto a se Paulo conhecia ou não a tradição da tumba vazia, pois, é digno de nota que o relato mais claro da tradição da ressurreição fora dos evangelhos (1Cor 15,3-8), testemunha apenas as aparições do ressuscitado e não inclui qualquer relato acerca do túmulo vazio. Contudo, existe uma segunda sequência de tradições mais extensa e muito mais diversa. Na verdade, não há nada parecido com elas na tradição de Jesus e uma análise sinótica eficaz é quase impossível (Dunn, 2022, p. 1093-1095; Mainville, 2012, p. 58).

Ainda em Lucas, assim como em Mateus, conseguimos observar as leves variações às passagens da dupla ou tripla tradição (reconhecendo ser difícil identificar quando foram introduzidas as variações). Contudo, temos várias outras indicações, além da própria narrativa pascal, de que sua intenção era entretecer o tema da ressurreição na tessitura de todo seu evangelho. Isso ocorre nos relatos de nascimento e infância de Jesus.

No relato de Jesus sendo apresentado no templo, surge uma cena de julgamento, isto é, a "revelação" dos pensamentos internos das pessoas acontecerá no último dia, ou em alguma grande antecipação deste. Lucas, conhecendo o término de sua narrativa, pretende que a morte e ressureição de Jesus não sejam vistas como um ato isolado, isto é, seu destino determinará o de Israel como tal. O leitor deve entender a oposição a Jesus e a aflição de Maria como um sinal de que Israel atravessava uma grande queda e ascensão metafórica, levando o exílio ao seu cume e entrando na nova vida além dele (Wright, 2017, p. 605-606).

A outra insinuação a ressurreição ocorre com o relato de Jesus aos doze anos de idade, sendo deixado para trás em Jerusalém. Como pode-se perceber, essa história magnificamente elaborada parece ter sido projetada como um paralelo, no prólogo do evangelho, à história dos discípulos no caminho para Emaús (Lc 24,13-35), em sua conclusão. Lucas pretende que o leitor entenda o evangelho na íntegra e, não apenas o capítulo final, como a história da ressurreição, de modo que, quando a páscoa realmente acontecer, haja em torno dela uma sensação de correção, de adequação. A páscoa não será simplesmente um estranho final feliz agregado à conclusão de uma história sobre algo mais, porém, o cumprimento divino, conforme as Escrituras, de algo que sempre fora verdadeiro. Dentro dessa moldura, Lucas demonstra que a ressurreição não é apenas a verdade acerca do que aconteceu com Jesus e do que acontecerá com os justos no fim, ela também implica uma verdade que se manifesta, em outros acontecimentos que, embora igualmente concretos, usam a linguagem da ressurreição de forma metafórica (Wright, 2017, p. 606-607).

Como em João (e de forma semelhante ao apêndice marcano — Mc 16,14-18), a primeira aparição aos discípulos reunidos, em Lc 24,36-49, é situada em Jerusalém, na noite do dia da ressurreição. Tanto em Lucas quanto em João (20,19-29), encontram-se os seguintes traços: Jesus põe-se no meio dos apóstolos e diz: "A paz esteja convosco!", existe uma referência aos ferimentos de Jesus (mãos e pés em Lucas; mãos e lado em João); a missão confiada aos discípulos por Jesus comporta o perdão dos pecados e o papel do Espírito (explícito em João; simbolicamente designado como "aquele que meu Pai prometeu", em Lucas). Lucas é particularmente insistente no realismo da aparição de Jesus, pois este se alimenta e afirma que tem carne e osso. (Em sua referência ao corpo ressuscitado, Paulo fala de um corpo espiritual, e não de carne e sangue em 1Cor 15,44.50.) Jesus também explica as Escrituras a esses discípulos — um sinal de que elas são fundamentais para a compreensão daquilo que Deus realizara nele. Aqui, a revelação consiste numa missão (Mt 28,18-20; Jo 20,22-23) direcionada a todas as nações, começando por Jerusalém. Um detalhado programa dessa missão será dado em At 1,8. Jesus ordena que seus discípulos sejam testemunhas das coisas que aconteceram com ele como cumprimento das Escrituras. No início do evangelho, Lucas prometera que seu relato metódico basear-se-ia naquilo que as testemunhas oculares e os ministros da palavra transmitiram, obviamente, pois, ele acredita que os discípulos cumpriram a missão (Brown, 2012, p. 370-71).

A aparição termina com uma cena de ascensão (Lc 24,50-53) na qual Jesus vai a Betânia, abençoa os discípulos e é elevado ao céu. Ato contínuo, os discípulos retornam alegres a Jerusalém e ao templo, louvando a Deus. Essa cena da ascensão, que ocorre na noite do domingo de Páscoa, conclui a história evangélica de Jesus. O evangelho começara no templo, quando um anjo veio do céu até Zacarias; por inclusão, ele acaba no templo, enquanto Jesus vai para o céu (Brown, 2012, p. 371).

A temática a respeito da ressurreição de Cristo, possui um lugar de grande importância para a fé cristã desde os primórdios do cristianismo, a ponto de Paulo afirmar: "Ora, se se prega que Cristo ressuscitou dentre os mortos, como dizem alguns dentre vós que

não há ressurreição de mortos? E, se não há ressurreição de mortos, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé" (1Cor 15,12-14), sendo assim, o que pode ser causa de muitos problemas, é a natureza escatológica da ressurreição de Jesus. De acordo com o depoimento do Novo Testamento, a ressurreição não tem causas históricas, é um ato de Deus, e o historiador não pode falar de Deus de acordo com as suas categorias. Sendo algo completamente único, não tem análogos, e isso coloca-o fora da experiência histórica comum. É o surgimento de vida eterna no meio do mortal, e o historiador nada sabe sobre ele, nem do século vindouro. Mesmo assim, aconteceu como um evento objetivo no meio da história embora transcenda todas as categorias humanas. Por esta razão, o historiador contemporâneo muitas vezes interpreta a ressurreição de uma forma diferente da corporal. No entanto, ele deve levá-la em conta para explicar a fé na ressurreição e no nascimento da Igreja; e para aqueles que acreditam na existência de um Deus vivo e onipotente, a "hipótese" de que Jesus ressuscitou corporalmente da sepultura é a única explicação adequada para os fatos "históricos" (Ladd, 2003, p. 466).

2 Segmentação e tradução de Lc 24,36-49 (NA[28])

A segmentação, tradução e notas de crítica textual referentes à perícope de Lc 24,36-49, ajudam a perceber a unidade temática e a beleza da perícope. Toda a estrutura vocabular utilizada por Lucas na narrativa sobre a ressurreição do Senhor revela o cuidado do evangelista na elaboração da narrativa. O próprio exercício de segmentar e traduzir o texto ajuda a perceber as nuances e movimento de cada termo empregado no mesmo, sobretudo de seus verbos, campos semânticos e elementos retóricos, como também na crítica textual. Tudo isso auxilia na busca de uma estrutura textual plausível e em sua compreensão bíblico-teológico-pastoral.

Quadro 1 – Texto grego, segmentação e tradução de Lc 24,36-49

Ταῦτα δὲ αὐτῶν λαλούντων	v. 36a	Porém, dizendo eles estas coisas
αὐτὸς ἔστη ἐν μέσῳ αὐτῶν	v. 36b	ele mesmo pôs-se no meio deles
καὶ λέγει αὐτοῖς	v. 36c	e disse-lhes
Εἰρήνη ὑμῖν	v. 36d	Paz a vós
πτοηθέντες δὲ	v. 37a	Porém, assustados
καὶ ἔμφοβοι γενόμενοι	v. 37b	e ficando cheios de medo
ἐδόκουν πνεῦμα θεωρεῖν	v. 37c	pensavam (um) espírito ver
Καὶ εἶπεν αὐτοῖς	v. 38a	E disse-lhes
Τί τεταραγμένοι ἐστέ	v. 38b	Porque estais perturbados?
καὶ διὰ τί διαλογισμοὶ ἀναβαίνουσιν ἐν τῇ καρδίᾳ ὑμῶν	v. 38c	E porque se levantam (esses) pensamentos no vosso coração?
ἴδετε τὰς χεῖράς μου καὶ τοὺς πόδας μου	v. 39a	Vejam as minhas mãos e os meus pés

ὅτι ἐγώ εἰμι αὐτός	v. 39b	de modo que sou eu mesmo
ψηλαφήσατέ με	v. 39c	toquem-me
καὶ ἴδετε	v. 39d	e vejam
ὅτι πνεῦμα σάρκα καὶ ὀστέα οὐκ ἔχει	v. 39e	de modo que (um) espírito, carne e ossos, não tem,
καθὼς ἐμὲ θεωρεῖτε ἔχοντα	v. 39f	como estais vendo (que) eu tenho
καὶ τοῦτο εἰπὼν	v. 40a	E dizendo isto
ἔδειξεν αὐτοῖς τὰς χεῖρας καὶ τοὺς πόδας	v. 40b	mostrou-lhes as mãos e os pés
Ἔτι δὲ ἀπιστούντων αὐτῶν ἀπὸ τῆς χαρᾶς καὶ θαυμαζόντων	v. 41a	Ainda não crendo eles por causa da alegria e estando surpresos
εἶπεν αὐτοῖς	v. 41b	disse-lhes
Ἔχετέ τι βρώσιμον ἐνθάδε	v. 41c	tendes algo para comer aqui?
οἱ δὲ ἐπέδωκαν αὐτῷ ἰχθύος ὀπτοῦ μέρος	v. 42	Eles deram a ele um pedaço de peixe assado
καὶ λαβὼν ἐνώπιον αὐτῶν ἔφαγεν	v. 43	E pegando diante deles, comeu.
Εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς Οὗτοι οἱ λόγοι μου	v. 44a	Disse-lhes: estas são minhas palavras
οὓς ἐλάλησα πρὸς ὑμᾶς ἔτι ὢν σὺν ὑμῖν	v. 44b	que falei ainda estando convosco
ὅτι δεῖ πληρωθῆναι πάντα τὰ γεγραμμένα ἐν τῷ νόμῳ Μωϋσέως	v. 44c	de modo que é necessário se cumprir todas as palavras escritas na lei de Moisés
καὶ τοῖς προφήταις	v. 44d	e nos profetas
καὶ ψαλμοῖς περὶ ἐμοῦ	v. 44e	e salmos, acerca de mim
τότε διήνοιξεν αὐτῶν τὸν νοῦν τοῦ	v. 45a	Então abriu-lhes a mente
συνιέναι τὰς γραφάς	v. 45b	(para) entenderem as escrituras
Καὶ εἶπεν αὐτοῖς ὅτι	v. 46a	E disse-lhes:
Οὕτως γέγραπται	v. 46b	assim está escrito
παθεῖν τὸν Χριστὸν	v. 46c	(deveria) sofrer o Cristo
καὶ ἀναστῆναι ἐκ νεκρῶν τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ	v. 46d	e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia
καὶ κηρυχθῆναι ἐπὶ τῷ ὀνόματι αὐτοῦ μετάνοιαν εἰς ἄφεσιν ἁμαρτιῶν εἰς πάντα τὰ ἔθνη	v. 47a	E anunciar no seu nome, o arrependimento para perdão dos pecados a todas as nações,
ἀρξάμενοι ἀπὸ Ἰερουσαλήμ	v. 47b	começando por Jerusálem.

ὑμεῖς ‹έστε› μάρτυρες τούτων	v. 48	Vós sois testemunhas disso.
Καὶ ἰδοὺ ἐγὼ ἐξαποστέλλω τὴν ἐπαγγελίαν τοῦ Πατρός μου ἐφ’ ὑμᾶς	v. 49a	E eis que envio a promessa de meu pai sobre vós
ὑμεῖς δὲ καθίσατε ἐν τῇ πόλει	v. 49b	vós, porém, permanecei na cidade
ἕως οὗ ἐνδύσησθε ἐξ ὕψους δύναμιν	v. 49c	até que sejais revestidos (com) poder do alto.

Fonte: Texto grego de Nestle *et al.* (2012); tradução e quadro dos autores.

3 Crítica Textual

No que tange ao texto do Evangelho de Lucas, segundo a Introdução da NA28, os manuscritos citados de forma consistente e que apresentam grande qualidade, considerados os manuscritos de peso como critério de avaliação, são: $\mathfrak{P}^{3}$, $\mathfrak{P}^{4}$, $\mathfrak{P}^{7}$, $\mathfrak{P}^{42}$, $\mathfrak{P}^{45}$, $\mathfrak{P}^{69}$, $\mathfrak{P}^{75}$, $\mathfrak{P}^{82}$, $\mathfrak{P}^{97}$, $\mathfrak{P}^{111}$, (א), (A), (B), (C), (D), (K), (L), (N), (P), (Q), (T), (W), (G), (D), (Q), (C), (Ψ), 070, 078, 079, 0102, 0108, 0115, 0130, 0147, 0171, 0177, 0181, 0182, 0239, 0266, 0279, 0291; 565, 579, 700, 892, 1241, 1424, 2542, l 844, l 2211. Os manuscritos de maior qualidade apresentam menos variantes, são mais antigos e de origem oriental (critérios externos). No que tange aos critérios internos, é pertinente recordar que grande parte das adições, omissões e variantes são preposições, conjunções; logo, são elementos que claramente não interferem na mensagem teológica da perícope em questão; e quando são verbos, aparecem em manuscritos muito tardios, ou seja, não possuem peso suficiente para se optar por tais mudanças.

No **v. 36**, há uma adição de “o Ιησους” nos Códices Alexandrinus (A), Cyprius (K), Washingtoniensis (W), Tischendorfianus (Γ), Sangallensis (Δ), Koridethi (Θ), Athous Lavrensis (Ψ), nos minúsculos $f^{1.13}$, 33. 565. 700. 892. 1424. (P 579) e também 𝔐 f (aur vg) $sy^{p\cdot h}$ bo^{pt}. O texto de NA^{28} se fundamenta no $\mathfrak{P}^{75}$, nos Códices Sinaíticus (א), Vaticanus (B), Bezae (D), Regius (L), no minúsculo 1241 e também em it $sy^{s.c}$ sa bo^{mss}. O Códex Claromontanus (D) e it, omitem “καί λέγει αύτοίς είρήνη ύμίν”. A variante “εγω ειμι μη φοβεισθε” aparece nos Códices Guelferbytanus (P), Washingtoniensis (W), no minúsculo 1241 e, aur c f vg $sy^{p\cdot h}$ bo^{pt}. Uma segunda variante “μη φοβεισθε εγω ειμι” aparece no minúsculo 579. Permanece o texto de NA^{28} pela qualidade dos manuscritos que atestam o texto escolhido, até mesmo porque “os manuscritos devem ser pesados e não contados” (Gonzaga, 2015, p. 222).

No **v. 37**, há três variantes: a primeira é “θροηθεντες” aparece no $\mathfrak{P}^{75}$, no Códex Vaticanus (B) e no minúsculo 1241, a segunda “φοβηθεντες” nos Códices Sinaíticus (א) e Washingtoniensis (W) e a terceira “φαντασμα” no Codex Bezae (D). O texto de NA^{28} está contido nos Códices Alexandrinus (A), Bezae (D), Cyprius (K), Regius (L), Washingtoniensis (W), Tischendorfianus (Γ), Sangallensis (Δ), Koridethi (Θ), Athous Lavrensis (Ψ), nos minúsculos $f^{1.13}$, 33. 565. 579. 700. 892. 1424 e *l*844 𝔐. O texto de NA^{28} possui manuscritos de qualidade, o que justifica optar pela escolha feita pelo comitê central da 28 edição.

No **v. 38**, há quatro variantes, a primeira “τι” aparece no $\mathfrak{P}^{75}$, no Codex Vaticanus (B) e sy^{p}, a segunda variante “ιματι” está nos Códices Bezae (D) e Regius (L), a terceira “εν ταις καρδιαις” nos Códices Sinaíticus (א), Alexandrinus^{c} (A^{c}), Cyprius (K), Regius (L), Washingtoniensis (W), Tischendorfianus (Γ), Sangallensis (Δ), Koridethi (Θ), Athous

Lavrensis (Ψ), nos minúsculos $f^{1.13}$, 33. 565. 700. 892. 1241. 1424. *l*844 e 𝔐 aur f vg sy bo, a quarta e última variante "εις τας καρδιας" aparece apenas no minúsculo 579. O texto de NA^{28} se estabelece pelo 𝔓^{75}, Alexandrinus^{*vid} (A^{*vid}), Vaticanus (B), Bezae (D) e, it sa. Permanece então o texto de NA^{28}, pois possui manuscritos de qualidade e bem atestados, justificando sua escolha.

No **v. 39**, há duas omissões e seis variantes: a primeira omissão é "μου" e não se encontra no 𝔓^{75}, nos Códices Regius (L), Washingtoniensis (W), Koridethi (Θ), nos minúsculos f^{13}, 33. 579. *l*844 e lat sy^{h}, a segunda omissão é "με" que não está contido nos Códices Bezae (D), Washingtoniensis (W), Koridethi (Θ), lat sy$^{s.c}$. As primeiras três variantes são "αυτος εγω ειμι" que aparece nos Códices Alexandrinus (A), Cyprius (K), Washingtoniensis (W), Tischendorfianus (Γ), Sangallensis (Δ), Koridethi (Θ), Athous Lavrensis (Ψ), nos minúsculos $f^{1.13}$, 565. 700. 892. 1241. 1424 𝔐 aur vg$^{st.ww}$ sy^{h}, a segunda é "εγω αυτος ειμι" nos Códices Bezae (D) e, c e vg^{cl}, a terceira é "εγω ειμι ο αυτος" no minúsculo 579. O texto de NA^{28} se ampara no 𝔓^{75}, nos Códices Sinaíticus (א), Vaticanus (B), Regius (L), no minúsculo 33 e it co. As outras três variantes são "και σαρκα και οστεα ουκ εχει" que está no Codex Vaticanus (B), "σαρκας και οστεα ουκ εχει" no 𝔓^{75} e no Codex Cyprius* (K*) e, "οστα ουκ εχει και σαρκας" no Codex Bezae (D). O texto de NA^{28} se apoia nos Códices Sinaíticus (א), Alexandrinus (A), Cyprius (K), Regius (L), Washingtoniensis (W), Tischendorfianus (Γ), Sangallensis (Δ), Koridethi (Θ), Athous Lavrensis (Ψ), nos minúsculos $f^{1.13}$, 33. 565. 579. 700. 892. 1241. 1424. *l*844 𝔐 lat sy, portanto, permanece o texto de NA^{28} pela qualidade dos manuscritos que atestam sua escolha.

No **v. 40**, há uma omissão e uma variante. A omissão de "καί τούτο είπών ɾεδειξεν αύτοίς τας χείρας καί τούς πόδας." ocorre no Codex Bezae (D) it sy$^{s.c}$ e, a variante é "επεδειξεν" que se encontra nos Códices Alexandrinus (A), Cyprius (K), Washingtoniensis (W), Tischendorfianus (Γ), Sangallensis (Δ), Koridethi (Θ), Athous Lavrensis (Ψ), nos minúsculos f^{13}, 565. 700. 1424 e 𝔐. Mantem-se o texto de NA^{28}, pois se apoia no 𝔓^{75}, nos Códices Sinaíticus (א), Vaticanus (B), Regius (L), Petropolitanus Purpureus (N), nos minúsculos f^{1}, 33. 579. 892. 1241. *l*844 que são bem atestados e de qualidade.

No **v. 42**, há duas adições: A primeira é "και απο μελισσιου κηριου" (κηριων *l*2211) que aparece nos Códices Cyprius (K), Petropolitanus Purpureus (N), Tischendorfianus (Γ), Sangallensis (Δ), Athous Lavrensis (Ψ), nos minúsculos f^{1}, 33. 565. 700. 892. 1241. 1424. *l*2211 e, 𝔐 lat sy$^{c.p.h**}$ bo^{pt}; CyrJ Epiph, a segunda "και απο μελισσιου κηριον" está apenas no Codex Koridethi (Θ), nos minúsculos f^{13} e *l*844. O texto de NA^{28} basea-se no 𝔓^{75}, nos Códices Sinaíticus (א), Alexandrinus (A), Vaticanus (B), Bezae (D), Regius (L), Washingtoniensis (W), no minúsuclo 579 e, e sy^{s} sa bo^{pt}; Cl. Pela qualidade dos testemunhos que sustentam a leitura assumida, concorda-se com o texto de NA^{28}.

No **v. 44**, existem duas variantes e uma omissão: A primeira "εν ω ημην" aparece apenas no Codex Bezae (D), a segunda "εν τοις" está nos Códices Sinaiticus (a) e Regius (L). A omissão é atestada nos Códices Alexandrinus (A), Beazae (D), Cyprius (K), Petropolitanus Purpureus (N), Washingtoniensis (W), Tischendorfianus (Γ), Sangallensis (Δ), Koridethi (Θ), Athous Lavrensis (Ψ), nos minúsculos $f^{1.13}$, 33. 565. 700. 892. 1241. 1424. *l*844. *l*2211 𝔐. O texto de NA^{28} é atestado nos Códices 𝔓^{75} no Codex Vaticanus (B) e no minúsculo 579 e, possui manuscritos que justificam sua escolha pela qualidade, por serem bem atestados.

No **v. 46**, há duas adições e uma omissão: A primeira adição é "και ουτως εδει" que se encontra nos Códices Alexandrinus (A), Ephraemi^{2vid} (C^{2vid}), Cyprius (K), Petropolitanus Purpureus (N), Washingtoniensis (W), Tischendorfianus (Γ), Sangallensis (Δ),

Koridethi (Θ), Athous Lavrensis (Ψ), nos minúsculos $f^{1.13}$, 33. 565. 700. 892. 1241. 1424. *l*844. *l*2211 𝔐 aur f q νg $sy^{p.h}$ sa^{ms}, a segunda adição "εδει" está apenas no minúsculo 579. A omissão aparece apenas no Codex Bezae (D). O texto de Na^{28} está amparado no $\mathfrak{P}^{75}$, nos Códices Sinaiticus (a), Vaticanus (B), Ephraemi* (C*), Bezae (D), Regius (L) e, ιt sa^{mss} bo; Ir^{lat} (Cyp), com testemunhos bem atestados e de qualidade, sendo possível concordar com a leitura assumida pelo texto de NA^{28}.

O **v. 47** possui cinco variantes: A primeira variante "και" aparece nos Códices Alexandrinus (A), Ephraemi (C), Bezae (D), Cyprius (K), Regius (L), Petropolitanus Purpureus (N), Washingtoniensis (W), Tischendorfianus (Γ), Sangallensis (Δ), Koridethi (Θ), Athous Lavrensis (Ψ), nos minúsculos $f^{1.13}$, 33. 565. 579. 700. 892. 1241. 1424. *l*844. *l*2211 𝔐 latt $sy^{s.h}$; Cyp. O texto de NA^{28} se apoia no $\mathfrak{P}^{75}$, nos Códices Sinaiticus (a), Vaticanus (B) e, sy^{p} co. A segunda variante "ως επι" aparece no Codex Bezae (D), a terceira variante "αρξαμενον" aparece no $\mathfrak{P}^{75}$, Alexandrinus (A), $Ephraemi^{3}$ (C^{3}), Cyprius (K), Washingtoniensis (W), Tischendorfianus (Γ), Sangallensis (Δ), nos minúsculos $f^{1.13}$, 579. 700. 892. 1241. 1424 𝔐 sy^{h}, a terceira variante "αρξαμενων" encontra-se no Codex (D) lat e, a última variante "αρξαμενος" nos Códices Koridethi (Θ), Athous Lavrensis (Ψ) e no minúsculo 565. O texto de NA^{28}, se fundamenta nos Códices Sinaiticus (a), Vaticanus (B), ephraemi* (C*), Regius (L), Petropolitanus Purpureus (N), no minúsculo 33. *l*844. *l*2211, sendo coerente optar pelo texto de NA^{28} devido aos manuscritos bem atestados e de qualidade que constituem o texto.

No **v. 48**, verificam-se três variantes. A primeira "υμεις δε" (Omissão desta primeira parte nos Códices Sinaiticus (a), Regius (L) e *l*844) εστε μαρτυρες aparece nos Códices Sinaiticus (a), Alexandrinus (A), Cyprius (K), Regius (L), Petropolitanus Purpureus (N), Washingtoniensis (W), Tischendorfianus (Γ), Sangallensis (Δ), Koridethi (Θ), Athous Lavrensis (Ψ), nos minúsculos $f^{1.13}$, 33. 565. 700. 892. 1241. 1424. *l*844 𝔐 lat sy^{h}, a segunda variante "υμεις (ocorre adição de "δε" no Codex $Ephraemi^{2}$ (C^{2})) μαρτυρες εστε" encontra-se no Codex Ephraemi (C) e no minúsculo 579, a terceira variante "και υμεις δε μαρτυρες" no Codex Bezae (D). O texto de NA^{28} se estabele no $\mathfrak{P}^{75}$ e no Codex Vaticanus (B), sendo possível optar pelo texto, especialmente devido a estas duas testemunhas bem atestadas e de alta qualidade.

4 Crítica Literária

Lc 24,13 inicia a narrativa dos dois discípulos no caminho para Emaús no mesmo dia em que Maria Madalena, Joana, Maria mãe de Tiago e as demais mulheres que estavam com elas (Lc 24,10), foram ao sepulcro e o encontraram vazio. Jesus aparece para estes dois, sendo um identificado como Cléofas (v. 18), contudo, eles não conseguem reconhecer que era o mestre. Ele caminha com eles e durante o percurso, Jesus expõe as Escrituras, dizendo que o Cristo deveria padecer, começando por Moisés e por todos os profetas (v. 27). Ao chegar à cidade de Emaús, Jesus continua seu caminho, dando a entender que iria para mais longe, porém, os dois discípulos o constrangem para que permaneça com eles, pois já era tarde (v. 29). E então, no partir do pão, à mesa, eles reconhecem o mestre, todavia, Jesus simplesmente fica invisível (v. 31). Os dois discípulos retornam imediatamente para Jerusalém, a fim de relatar o ocorrido e, enquanto ainda falavam destas coisas, o próprio Jesus apareceu no meio de todos eles e disse "Paz a vós" (v. 36).

Ao aparecer aos seus discípulos e eles testificarem que de fato era o mestre, ele então mais uma vez expõe as Escrituras a todos eles, porém agora, diz que era necessário que se

cumprisse tudo que estava escrito acerca dele na lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos (v. 44), sendo eles as testemunhas de tudo isso (v. 48). Recomenda a todos que fiquem na cidade até que sejam revestidos com poder do alto (v. 49) e, após isso, os levou até Betânia, levantou suas mãos, os abençoou (v. 50) e foi elevado aos céus (v. 51) e, seus discípulos então retornaram com grande júbilo para Jerusalém (v. 52) e, sempre estavam no templo, louvando e bendizendo a Deus (v. 53).

É possível inferir, a partir do texto, que a perícope tem por princípio o v. 13, ao mencionar os discípulos no caminho para Emaús, pois, o que se segue após isso culmina nestes mesmos discípulos retornando imediatamente para Jerusalém e narrando os fatos aos onze e aos outros discípulos que estavam com eles e então, Jesus aparece (v. 36) quando eles ainda estavam falando sobre estas coisas, que aconteceram imediatamente antes (v. 36). E não encerra no v. 49, pois, Jesus assim que termina de recomendar que eles ficassem na cidade, os levou para fora, até Betânia (v. 50), foi recebido nos céus (v. 51) e, eles voltaram para Jerusalém e estavam sempre no templo louvando e bendizendo a Deus (vv. 52-53). Contudo, as mudanças de cenário, primeiro em Emaús, depois em Jerusalém e por último em Betânia, nos leva a enxergar esse relato, embora completamente concatenados, como perícopes diferentes, isto é, Lc 24,13-35 como a perícope de Emaús, Lc 24,36-49 como uma das aparições do Ressuscitado e Lc 24,50-53 a perícope que trata da ascensão de Jesus, não obstante, fato é que, Lucas entrelaça a narrativa de tal forma que conseguimos perceber o fio condutor de toda a narrativa de forma muito clara.

Alguns estudiosos como Hendriksen (2003, p. 711), Bovon (2005, p. 575) consideram a perícope dos vv. 36-49, já Rossé (2020, p. 1033) e Wolter (2016, p. 562) entendem que a perícope vai dos vv. 36-53, Fitzmyer (2006, p. 600) diferente dos demais, apresenta o seguinte esquema: vv. 36-43; vv. 44-49 e vv. 50-53, cada seção dessa como uma perícope.

4.1 Quiasmo/Construção concêntrica

A - Sofrimento de Cristo (v. 26)
  B - Moisés, profetas, Escrituras (v. 27)
    C - Comida - convidam Jesus para comer (vv. 28-30)
      D - Reconhecem - sem dúvidas (v. 31)
        E - Desaparece diante deles - noite (v. 31)
          F - Conversam entre si - caminho (v. 32)
            G - **Acreditam** (vv. 33-34)
          F’ - Conversam com os outros - caminho (v. 35)
        E’ - Aparece diante deles - noite (v. 36)
      D’ - Reconhecem? - dúvidas (vv. 37-41)
    C’ - Comida - Jesus pede para comer (vv. 41-43)
  B’ - Moisés, profetas, Salmos, Escrituras (vv. 44-45)
A’ - Sofrimento de Cristo (v. 46)

5 Análise da Forma

De acordo com Berger (1998, p. 262), o texto de Lc 24,36-49, pode ser caracterizado como relatos de visões, relatos sobre testemunhas e nomeação de testemunhas, o que

implica um caráter jurídico ou, também podemos caracterizar o gênero deste texto como o Encontro com o Ressuscitado, isto é, as aparições de Jesus aos seus discípulos.

As aparições do ressuscitado quase sempre são entendidas, não apenas como provas da legitimidade de Jesus (para isso a mensagem dos anjos no sepulcro vazio já teria sido suficiente), mas ao mesmo tempo como transferência de sua tarefa, ou seja, como missão dos discípulos.

Em todo caso, trata-se da categoria jurídica "missão". Já que uma missão pode ser delegada, a interpretação das visões insiste sobretudo em que Jesus é experimentado como o enviado de Deus e que de sua confirmação, depois de seu martírio, depende também inteiramente a missão dos discípulos, para garantir a continuidade entre o Jesus da história e o Cristo da fé.

6 Comentário Exegético-Teológico

v. 36 - "Ταῦτα δὲ αὐτῶν λαλούντων αὐτὸς ἔστη ἐν μέσῳ αὐτῶν καὶ λέγει αὐτοῖς· εἰρήνη ὑμῖν/*Porém, dizendo eles estas coisas, ele mesmo pôs-se no meio deles e disse-lhes, Paz à vós*". Na primeira cena desta unidade (vv. 36-43), o evangelista utiliza uma tradição anterior, pois o que encontramos aqui é uma forma desenvolvida do fragmento da tradição preservada em 1Cor 15,5 ("ele apareceu... aos Onze"). Existe paralelo com elementos que estão presentes em Jo 20,19-21 e, por outro lado, outra forma da tradição também pode ser encontrada no apêndice do Evangelho segundo Marcos (Mc 16,14-15), onde é mencionada uma aparição de Jesus aos Onze quando eles estavam à mesa no domingo de Páscoa, e em que Jesus os repreende pela sua descrença, embora acabe dando-lhes a tarefa de "pregar o Evangelho" (Fitzmyer, 2006, p. 602).

Lucas costura cuidadosamente esta cena na anterior, indicando continuidade cronológica e temática com a cláusula, enquanto os discípulos regressavam para Jerusalém (Green, 1997, p. 853). "Dizendo eles estas coisas" (v. 36a) marca a continuidade com a história anterior. Assim como Jesus desapareceu subitamente dos olhos dos discípulos de Emaús, também ele aparece subitamente entre os Onze e os outros e a comunicação da experiência dos dois discípulos de Emaús ao grupo reunido ainda não terminou quando Jesus aparece (Grasso, 1999, p. 635). A anotação é importante, com a mesma linguagem concreta com que o Evangelho sublinhara então a corporeidade do Ressuscitado, quer agora afirmar que o Ressuscitado não está condicionado pelas leis espaço-temporais deste mundo (Rossé, 2020, p. 1036). Nisto é reconhecível que ele não simplesmente continua a sua existência terrena, mas vem do céu. O súbito aparecimento do anjo aos pastores em Lc 2,9 é comparável (ἐπέστη αὐτοῖς) (Wolter, 2016, p. 563).

Jesus "no meio" dos Onze (v. 36b), lembra a fórmula de Mt 18,20, uma expressão quase técnica do vocabulário da Aliança para falar da presença de YHWH entre o seu povo. A presença repentina entre os Onze pressupõe um "estar ali" permanente de Cristo, ainda que invisível. Mas agora, a aparição assume um caráter "palpável", reservado às testemunhas oficiais (At 10,41). É verdade que os Onze não estão sozinhos, como em Pentecostes (At 2,1), a manifestação divina ocorre na presença de outros que ali estão reunidos e, os Onze recebem sua missão dentro de uma comunidade. A saudação – *Shalom* – habitual entre os judeus (v. 36d), adquire valor salvífico no contexto, a paz prometida em Lc 2,14 agora recebida pelos apóstolos, deve estender-se a toda a terra (Rossé, 2020, p. 1036).

v. 37 - "πτοηθέντες δὲ καὶ ἔμφοβοι γενόμενοι ἐδόκουν πνεῦμα θεωρεῖν./*Porém assustados, e ficando cheios de medo pensavam (um) espírito ver*". Assim como a aparição dos anjos às mulheres que correram para o túmulo suscita medo (Lc 24,4-5), a do Ressuscitado causa pânico (v. 37ab). Alguém poderia perguntar: Mas como é possível explicar que os homens de Emaús ficassem tão surpresos e amedrontados, já que apenas umas poucas horas antes tinham conversado com Jesus? O caráter repentino do aparecimento, e o fato de que ninguém tinha visto Jesus entrar naquele aposento - tão subitamente, ali estava ele, como se tivesse sido materializado pelo próprio ar - podem muito bem explicar essas reações por parte dos discípulos (Hendriksen, 2003, p. 712). A angústia dos discípulos atinge até uma intensidade maior que a das mulheres, Lucas de fato não se limita ao adjetivo ἔμφοβος, "com medo", que utilizou no episódio do túmulo vazio (Lc 24,5), mas precede-o com o particípio de um verbo muito expressivo, πτοέω, que significa "assustar" (Bovon, 2005, p. 586).

A reação de medo dos discípulos difere fortemente daquela de alegria na história paralela de Jo 20,20. O medo de fantasmas pertence ao imaginário popular, a ressurreição de Jesus, porém, é fonte de alegria e pertence à novidade da fé. O versículo lembra Mc 6,49 e talvez dependa disso, sendo inserido para orientar decisivamente a história rumo à tese da corporeidade do Ressuscitado. Lucas não vê, portanto, nenhuma contradição com a confissão de fé no v. 34, o tema é diferente: não mais a crença de que Jesus ressuscitou, mas a questão da natureza corpórea de Jesus ressuscitado. O ensinamento deveria ser atual e necessário no mundo grego, no qual havia a crença em fantasmas, mas não a concepção de uma ressurreição corporal (v. 37c) (Rossé, 2020, p. 1037).

v. 38 - "καὶ εἶπεν αὐτοῖς· τί τεταραγμένοι ἐστὲ καὶ διὰ τί διαλογισμοὶ ἀναβαίνουσιν ἐν τῇ καρδίᾳ ὑμῶν;/*E disse-lhes: Porque estais perturbados? E porque se levantam (esses) pensamentos no vosso coração?*". Aquele que aparece também abre seu discurso com uma pergunta retórica que recrimina o comportamento dos destinatários da aparição em outras narrativas (v. 38ab). O Ressuscitado dirige-se aos discípulos e esta pergunta retórica tem antes, o sabor de uma censura, como na aparição às mulheres de Lc 24,5; é uma característica lucana (Rossé, 2020, p. 1037). Com o διαλογισμοί (v. 38c) é feita referência ao ἐδόκουν πνεῦμα θεωρεῖν (v. 37). Assim, como o terrestre, também o Ressuscitado conhece os "pensamentos do coração". A conversa sobre pensamentos "surgindo" (ἀναβαίνειν) "em seu coração" tem sua correspondência mais próxima na concepção do Antigo Testamento de "subir ao coração". A reação dos Onze indica um erro de julgamento: a reflexão sobre fantasmas é sinal de uma mente confusa que ainda não fez a distinção entre um fantasma e a realidade da ressurreição (Wolter, 2016, p. 564).

A aparente perturbação dos discípulos acontece, sobretudo, pelo caráter escatológico da aparição de Jesus. A ressurreição de Jesus não é um evento isolado que proporciona ao seus uma calorosa confiança e uma esperança em uma futura ressurreição. A ressurreição de Jesus é o início da mesma ressurreição escatológica. Se nos for permitido uso de termos grosseiros para tentar descrever realidades sublimes, poderíamos dizer que uma das peças da ressurreição escatológica foi plantada no meio da história. O primeiro ato do drama do Último Dia ocorreu antes do Dia do Senhor.

A ressurreição de Jesus não é simplesmente um evento na história. Não deveria ser simplesmente descrito como algo sobrenatural, um milagre, como se Deus tivesse interferido nas "leis da natureza". A ressurreição de Jesus significa nada menos que o aparecimento no tempo da história de algo que pertence à esfera da eternidade. Sobrenatural? Sim, mas não no sentido usual da palavra. Não é a "perturbação" do curso normal dos

eventos, é sobre a manifestação de algo totalmente novo. A vida eterna apareceu em meio ao que é mortal (Ladd, 2003, p. 466).

vv. 39-40 - "ἴδετε τὰς χεῖράς μου καὶ τοὺς πόδας μου ὅτι ἐγώ εἰμι αὐτός· ψηλαφήσατέ με καὶ ἴδετε, ὅτι πνεῦμα σάρκα καὶ ὀστέα οὐκ ἔχει καθὼς ἐμὲ θεωρεῖτε ἔχοντα. καὶ τοῦτο εἰπὼν ἔδειξεν αὐτοῖς τὰς χεῖρας καὶ τοὺς πόδας/*Vejam as minhas mãos e os meus pés, de modo que sou eu mesmo, toquem-me e vejam, de modo que (um) espírito, carne e ossos, não tem, como estais vendo (que) eu tenho. E dizendo isto mostrou-lhes as mãos e os pés*". O duplo ἴδετε-ὅτι (v. 39a-b) deixa claro que aquele que aparece quer demonstrar duas coisas. Primeiro, ao exibir suas mãos e pés ele prova sua identidade. Nisto fica claro que aquele que aparece só é identificável como Jesus pelo fato de ele se revelar como o crucificado. Aqui implicitamente pressupõe-se que haviam feridas nas mãos e nos pés de Jesus, que se originaram do fato de que ele não foi simplesmente amarrado à cruz em sua execução, mas fixado a ela com a ajuda de pregos que foram cravados nos ossos das mãos e dos pés. Os discípulos são chamados a reconhecer o Ressuscitado na sua identidade pessoal, ele é verdadeiramente o Jesus que eles conheceram e, portanto, podem garantir a continuidade entre o Jesus da história e o Cristo da fé. Para esta identificação, parece curioso o convite ao olhar para as mãos e os pés (Wolter, 2016, p. 564).

Em segundo lugar, a realidade da ressurreição de Jesus é demonstrada no v. 39e-f. A impressão inicial dos discípulos de que um "espírito" lhes apareceu é corrigida aqui. Lucas desenvolve a tradição do cristianismo primitivo à sua maneira. É outra forma de transmitir ao leitor, "Teófilo" (Lc 1,3-4; At 1,1), a "solidez" (ἀσφάλεια) dos ensinamentos recebidos. Embora haja certo paralelismo com Jo 20,19-21, a apresentação é muito mais realista. A tradição de João também se depara com este problema, mas aborda-o de forma diferente, introduzindo o episódio de Tomé (Jo 20,24-29) (Fitzmyer, 2006, p. 603). O toque "na carne e nos ossos" de Jesus deveria deixar claro que os discípulos estão realmente lidando com alguém que ressuscitou dos mortos e não com um espírito incorpóreo. Todo o peso do seu argumento reside em demonstrar que o Ressuscitado não é um espírito puro, um fantasma. A série de provas "esmagadoras" serve aos Onze como testemunhas oficiais, para a sua função de apóstolos devem estar inteiramente convencidos da realidade da ressurreição de Jesus, segundo a compreensão bíblica (corpórea), e o leitor deve saber que não foi enganado pelo testemunho deles (Wolter, 2016, p. 564).

v. 41 "ἔτι δὲ ἀπιστούντων αὐτῶν ἀπὸ τῆς χαρᾶς καὶ θαυμαζόντων εἶπεν αὐτοῖς· ἔχετέ τι βρώσιμον ἐνθάδε;/*Ainda não crendo eles por causa da alegria e estando surpresos disse-lhes: tendes algo para comer aqui?*". Ainda duvidosos (v. 41ab), Jesus pede-lhes algo para comer e eles "oferecem-lhe um pedaço de peixe assado". Na realidade, não se diz que os discípulos estavam à mesa, mas esse é o ponto principal da história. Na verdade, mais tarde no livro dos Atos dos Apóstolos, o próprio Lucas dirá que o Jesus ressuscitado "comeu com" seus apóstolos (At 10,41: "nós que comemos e bebemos com ele depois da sua ressurreição dentre os mortos") (Fitzmyer, 2006, p. 603).

Embora o tema alimentação esteja presente e contenha um indubitável paralelo ao episódio de Emaús, não podemos deixar de pensar que esta cena pretende insistir na realidade física e na identidade de Jesus ressuscitado (Fitzmyer, 2006, p. 603). Tudo acontece ainda no primeiro dia da semana, mas a cronologia aqui tem pouco valor, pois entramos em um tempo novo onde as horas e os dias não contam mais. A presença de Jesus num primeiro momento causa susto e confusão. Mas logo ele se dá a conhecer, toma refeição com eles e dá as últimas instruções antes da sua ascensão (Perondi, 2018, p. 99).

Lucas é o único evangelista que informa que Jesus ressuscitado toma uma refeição (v. 41c). A evangelização em ambiente helenista exige este dado. Os gregos – como os

egípcios, já antes deles – acreditavam na imortalidade da alma, mas não na ressurreição dos corpos (At 17,18.32; 26,8.24). Além disso, tanto no mundo judaico como helenístico, as refeições eram momentos importantes de relacionamentos fraternos (Perondi, 2018, p. 99).

vv. 42-43 - "οἱ δὲ ἐπέδωκαν αὐτῷ ἰχθύος ὀπτοῦ μέρος· καὶ λαβὼν ἐνώπιον αὐτῶν ἔφαγεν/*Eles deram a ele um pedaço de peixe assado. E pegando diante deles comeu*". Os discípulos oferecem a Jesus um peixe assado (v. 42). A cena lembra Jo 21,9, mas neste último texto é o Ressuscitado quem oferece comida aos discípulos e não come com eles. No nosso caso, a razão é peculiar: comer serve para mostrar a realidade corporal do Ressuscitado. O fato será lembrado em At 10,41 e generalizado nos moldes da comensalidade do Ressuscitado com suas testemunhas (Rossé, 2020, p. 1040).

O Jesus ressuscitado come peixe (v. 43), nenhum outro evangelho leva o realismo tão longe. Lucas especifica que não comeu com os discípulos, mas "diante" deles, sob os olhos deles. No livro dos Atos, o autor transforma esta alimentação solitária e demonstrativa numa comunhão de mesa entre o Ressuscitado e as suas testemunhas (At 1,4; 10,41). O evangelista não conclui com a reação dos presentes: estariam agora convencidos? Certamente, pois é a premissa para o ensinamento posterior (vv. 44-49) (Rossé, 2020, p. 1041).

O papel que devemos atribuir aos vv. 41-43 depende em parte de onde Lucas nos quer fazer entender no relato que os discípulos foram capazes de avançar para uma crença plena no Senhor ressuscitado. É depois do v. 43? Esta visão dá peso ao ἔτι, "ainda", no início do v. 41 e à construção participial à qual está ligado, isto é, comer resolve a dúvida residual. Mas sem negar a importância da alimentação, dois fatores contam a favor de uma visão alternativa. O primeiro é que no relato lucano de Emaús, o efeito combinado da exposição das Escrituras e do partir do pão cria uma consciência da realidade da presença do Senhor ressuscitado. Os vv. 44-49 contêm fortes ecos da exposição bíblica dos vv. 25-27, o que sugere que também aqui a exposição das Escrituras contribui para que os discípulos saiam do seu estado de dúvida (parcial) no v. 41.

O segundo fator é que, no v. 52 a alegria (qualificada) do v. 41 é retomada novamente como uma grande alegria incondicional (e observe que aqui é dito pela primeira vez que os discípulos adoram Jesus). À luz destas considerações, parece melhor ver que Lucas está reiterando e expandindo o padrão de Emaús, isto é, além da crença parcial alcançada pelo v. 41 através da exibição de mãos e pés, aqui o efeito combinado da refeição, do ensino/a exposição bíblica e a experiência da ascensão de Jesus levam à maturidade a fé na ressurreição de Jesus (Nolland, 1993, p. 1214-1215).

v. 44 "Εἶπεν δὲ πρὸς αὐτούς· οὗτοι οἱ λόγοι μου οὓς ἐλάλησα πρὸς ὑμᾶς ἔτι ὢν σὺν ὑμῖν, ὅτι δεῖ πληρωθῆναι πάντα τὰ γεγραμμένα ἐν τῷ νόμῳ Μωϋσέως καὶ τοῖς προφήταις καὶ ψαλμοῖς περὶ ἐμοῦ/*Disse-lhes: estas são minhas palavras que falei ainda estando convosco de modo que é necessário se cumprir todas as palavras escritas na lei de Moisés, e nos profetas e salmos, acerca de mim*". Jesus começa à maneira de Moisés em Dt l,l (LXX) (Rahlfs; Hanhart, 2006): "Estas (são) as palavras que Moisés disse a todo o Israel" (Dt 18,15; At 3,22) (v. 44ab). A alusão à Jesus como o profeta esperado semelhante à Moisés é possível. A introdução da citação οὗτοι οἱ λόγοι com a orientação catafórica do pronome demonstrativo é um Septuagintismo (Ex 35,1; Dt 1,1; 28,69; 2Sm 23,1; Jr 36,1; 37,4; Zc 8,16; Br 1,1). Como em Lc 24,6-7, também aqui se trata de uma "retrospectiva resolutiva", que pretende explicar aos discípulos como aconteceu que Jesus, sobre quem eles sabiam que tinha sido crucificado e sepultado, agora está diante deles. Jesus fornece então, não uma citação palavra por palavra, mas uma citação de acordo com

o sentido, embora os ecos de Lc 18,31 e Lc 22,37 em particular não possam ser perdidos. A intenção é uma interpretação abrangente da totalidade do seu destino, que ele então desvenda concretamente nos vv. 46-47. Ao contrário de Lc 24,16 (At 1,16; 17,3), não encontramos o ἔδει voltado para trás, mas o presente δεῖ. A razão para este fato notável é que aqui πάντα τὰ γεγραμμένα . . . περὶ ἐμοῦ não se refere exclusivamente a eventos passados, mas também inclui o κήρυχθῆναι (v. 47), que ainda está no futuro. No Novo Testamento, a expressão πάντα τὰ γεγραμμένα é tipicamente lucana (WOLTER, 2016, p. 567).

Lucas reúne o que foi dito nos v. 7 e v. 27: (a) a memória das palavras passadas de Jesus, "quando eu ainda estava convosco", esta forma de falar do ministério terreno de Jesus corresponde antes à perspectiva pós-Páscoa de Lucas e do seu tempo, (b) a ligação entre as palavras de Jesus e o cumprimento das Escrituras mostra antes de tudo a conformidade da existência de Jesus com o plano de Deus manifestado nas Escrituras e consequentemente, esta mesma existência se ilumina e se torna compreensível a partir das Escrituras explicadas pelo Ressuscitado. Parte da Escritura está orientada para Cristo, esta crença, destacada por Lucas, é a base da interpretação cristológica do AT e justifica a exegese midráshica também utilizada pela Igreja (v. 44cd) (Rossé, 2020, p. 1042).

O Saltério foi de fato o primeiro e principal livro dos *Ketubim* (v. 44e). Porém, é mais provável que Lucas escolha o Salmo pela sua importância na reflexão da Igreja, eles são a principal fonte dos textos messiânicos do querigma, como evidenciam os discursos do AT, "Tudo o que está escrito sobre mim deve ser cumprido", incluindo a pregação do Reino (Lc 4,21) e, portanto, todo o ministério. Concretamente, então, as Escrituras anunciam a morte e ressurreição de Jesus, abrem-se à compreensão do mistério pascal, como se todo o ministério terreno encontrasse neste acontecimento o seu sentido último, núcleo fundamental do querigma apostólico. Finalmente, Lucas coloca a pregação a todas as nações sob o cumprimento das Escrituras e, portanto, em conformidade com a vontade de Deus (v. 47; At 10,43) (Rossé, 2020, p. 1042).

v. 45 - "τότε διήνοιξεν αὐτῶν τὸν νοῦν τοῦ συνιέναι τὰς γραφάς/*Então abriu-lhes a mente (para) entenderem as escrituras*". Se a mensagem permanece a mesma – recorda os vários anúncios da paixão revelada desde os tempos da pregação na Galileia – é antes o modo de compreensão dos ouvintes que deve mudar. Os anúncios da paixão atingiram em vão os ouvidos dos estúpidos discípulos. Lc 9,44-45 sublinhou o mal-entendido em que o ensino de Jesus encalhou. Para Lucas, nem a mensagem das mulheres que regressavam do sepulcro vazio, nem as palavras dos discípulos que regressavam de Emaús, nem a evidência da ressurreição eram suficientes para oferecer uma chave de interpretação das Sagradas Escrituras (Bovon, 2005, p. 594).

É necessária a intervenção espiritual de Cristo ressuscitado, pois se trata da transformação da "inteligência" (νοῦς) (v. 45ab). A Páscoa é o dia das aberturas: abertura do túmulo (Lc 24,2), dos olhos (Lc 24,31), das Escrituras (Lc 24,32) e, aqui, do intelecto (v. 45). O processo não é de permanecer apenas intelectual: se Lucas usa νοῦς aqui, em outro lugar ele fala de καρδία, "coração" (24,25.32). A transformação diz respeito às pessoas em sua totalidade, principalmente ao seu ser interior. O episódio poderia terminar aqui (Bovon, 2005, p. 594).

v. 46 - "καὶ εἶπεν αὐτοῖς ὅτι οὕτως γέγραπται παθεῖν τὸν χριστὸν καὶ ἀναστῆναι ἐκ νεκρῶν τῇ τρίτῃ ἡμέρᾳ/*E disse-lhes: de modo que, Assim está escrito, (deveria) sofrer o Cristo e ressuscitar dos mortos ao terceiro dia*". Se Lucas volta a dar a palavra ao ressuscitado (note-se a repetição de εἶπεν, vv. 44.46), é porque pretende especificar as partes essenciais destas profecias. Além disso, os leitores as conhecem bem, pois se referem às

duas principais articulações do querigma, a morte e a ressurreição, que também constituíam o cerne dos anúncios da paixão (v. 46cd). Não nos surpreende a formulação ora lucana, ora tradicional que recebem estes elementos centrais da fé cristã: a morte é aqui definida de forma editorial como sofrimento (Lc 24,26) e o regresso à vida de forma tradicional como uma ressurreição até o terceiro dia (Lc 24,7) (Wolter, 2016, p. 568).

Contudo, é surpreendente que o evangelista não mencione o ministério de Jesus que precede a paixão. Nem os atos de poder nem os ensinamentos do messias têm qualquer função nesta passagem. Duas explicações vêm à mente: a) Lucas é influenciado por uma construção teológica, atestada por Paulo, que centra a atenção no binômio cruz-ressurreição; b) Lucas se prepara para virar a página e já pensa no livro de Atos. E precisamente neste segundo livro os apóstolos e as testemunhas partilham a predileção paulina por uma mensagem centrada na morte e na ressurreição. Esta orientação para o futuro é, no entanto, paradoxal nos versículos que se referem claramente ao passado (v. 44) (Bovon, 2005, p. 594).

v. 47 - "καὶ κηρυχθῆναι ἐπὶ τῷ ὀνόματι αὐτοῦ μετάνοιαν εἰς ἄφεσιν ἁμαρτιῶν εἰς πάντα τὰ ἔθνη. ἀρξάμενοι ἀπὸ Ἰερουσαλὴμ/*E anunciar no seu nome, o arrependimento para perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém*". As palavras finais aos discípulos são o culminar das instruções de Jesus e antecipam a continuação da história no livro de Atos. Jesus vai além da sua própria história e fala de acontecimentos futuros nos quais os Onze e os outros terão um papel central. Jesus nomeia os seus ouvintes como suas testemunhas, atribuindo-lhes uma tarefa e tornando-os destinatários de uma promessa. Os mesmos temas retornarão nos primeiros capítulos da história de Atos. Investindo os discípulos com a proclamação da "conversão para (a) remissão dos pecados" (Crimella, 2015, p. 374-375). Gramaticalmente, a cláusula do v. 47a (que começa com καὶ e o verbo "perdoar" na parte inferior) concorda com "assim está escrito" do v. 46b, e isso tem sua importância. As duas proposições sobre a necessidade do sofrimento-ressurreição messiânica (v. 46cd) e sobre a pregação da conversão às nações (v. 47a) são paralelas e dependem da afirmação "está escrito". Consequentemente, "as Escrituras devem cumprir-se tanto no que diz respeito à paixão e ressurreição de Jesus, como também no que diz respeito ao anúncio da conversão a todos os povos".

Por outro lado, é evidente que para Lucas não só a morte-ressurreição, mas também a difusão da mensagem de salvação às nações pagãs faz parte da tarefa do Messias: "O anúncio da salvação a todos os povos pertence à missão de Cristo, tal como definido pelo Antigo Testamento". A missão de Jesus não termina, portanto, com a morte-ressurreição, mas continua no anúncio do Evangelho aos povos da terra. O Ressuscitado realiza esta obra, através das testemunhas que falam em seu nome. A desejada relação que existe entre o v. 47 e At 1,8 nos permite compreender em qual texto bíblico Lucas está pensando concretamente. A expressão "até aos confins da terra" (At 1,8) (Perondi, 2018, p. 99) alude, de fato, à missão do Servo de YHWH em Is 49,6: "Eu te coloquei como luz para os gentios, para que tragas salvação até os confins da terra" (At 13,47). Através dos apóstolos, Jesus ressuscitado concretiza a sua realidade como Messias "luz das nações". As palavras de Jesus em Lc 24,47 resumem o programa da missão apostólica através da qual Jesus implementa a sua messianidade universal. Logicamente, a atenção agora se volta para a função dos correspondentes (Rossé, 2020, p. 1045).

v. 48 - "ὑμεῖς μάρτυρες τούτων/*Vós sois testemunhas disso*". Com o termo μάρτυρες (v. 48), "testemunhas", o leitor é levado de volta ao prólogo do evangelho, onde a geração dos apóstolos é definida como aquela que, desde o início, se tornaram αὐτόπται, "testemunhas oculares", e ὑπηρέται, "servos", da palavra (Lc 1,2). Um primeiro ponto é

claro: μάρτυρες ainda não são os mártires da antiguidade tardia; um segundo ponto também: eles não são testemunhas oculares passivas, uma vez que se tornaram ativamente o que são.

Um terceiro ponto também é evidente: as "coisas" que testemunham não são todas visíveis. Visto que o termo "testemunhas" reaparece em Atos, este terceiro ponto chama a atenção. As testemunhas são confiáveis porque estão vinculadas por uma dupla lealdade: à história e à verdade. Por um lado, conheceram o Jesus histórico, antes, durante e depois da sua paixão; por outro lado, conhecem o querigma cristão e o significado das Escrituras. Quarto ponto: como aponta o v. 49ac, eles precisam do Espírito Santo para que seu testemunho se torne eficaz. Não é relatado aqui, mas, em outro lugar aparece um quinto elemento: segundo Lucas, as testemunhas foram objeto de uma escolha por parte de Jesus (At 1,2, onde precisamente esta eleição é indicada) (Bovon, 2005, p. 596).

v. 49 - "καὶ [ἰδοὺ] ἐγὼ ἀποστέλλω τὴν ἐπαγγελίαν τοῦ πατρός μου ἐφ' ὑμᾶς· ὑμεῖς δὲ καθίσατε ἐν τῇ πόλει ἕως οὗ ἐνδύσησθε ἐξ ὕψους δύναμιν/*E eis que envio a promessa de meu pai sobre vós. Vós, porém, permanecei na cidade até que sejais revestidos (com) poder do alto*". Enquanto os vv. 47-48 — como o comando missionário em Mateus 28,18-20 — fazem uma ponte para um futuro indefinido e não exigem cumprimento narrativo, o v. 49abc anuncia um evento que não pode permanecer não informado. A história lucana de Jesus é assim aberta para uma continuação narrativa. Da mesma forma, Lucas também retoma este versículo em At 1,4. Aqui, como em At 1,4, "ἐπαγγελία/*do meu Pai*" representa metonimicamente o que é prometido, a saber, o Espírito (como ἐλπίς, em Cl 1,5, para o bem esperado da salvação). Este anúncio realiza-se no Pentecostes (At 2,1-5; v. 33). Lucas pode falar de uma "promessa" do Espírito com base em Jl 3,1-2 (At 2,16-18), τοῦ πατρός μου é, portanto, um genitivo subjetivo (Wolter, 2016, p. 571).

De extrema importância também é a irrupção aqui do tema do Espírito Santo. Espírito da promessa de Lucas nas Escrituras de Israel, o dom do pai manifesta-se no evangelho, mas reserva os seus efeitos ao filho. Para que o plano de Deus seja realizado, porém, esta "força" (δύναμις, v. 49) deve então se espalhar por toda a igreja. Lucas concebe a função do Espírito antes de tudo em sentido missionário: é através desta força (v. 49) que a mensagem de conversão e de perdão pode ser anunciada e acolhida (v. 47). Ele então desempenhará outras funções nos Atos, não mencionadas no Evangelho. Em algumas ocasiões Lucas anunciou que este poder benéfico acompanharia a vida dos discípulos (Lc 11,13 e, sem que o termo seja pronunciado, Lc 21,15) (Bovon, 2005, p. 596). O evangelista retrata de bom grado o invisível: Jesus pede aos discípulos literalmente que "sentem-se" (καθίσατε, v. 49, traduzido como "permanecei") e "esperarem" (περιμένειν, At 1,4) "na cidade" a força que descerá sobre eles (ἐφ' ὑμᾶς, "sobre você", v. 49; e At 1,8) e com a qual, literalmente, "você será revestido" (ἐνδύσησθε, v. 49) (Bovon, 2005, p. 597).

Refletindo sobre a História dos efeitos a cerca desta perícope, Bovon, reúne algumas colocações de alguns padres da igreja. Tertuliano apresenta sua interpretação contrariando a de Marcião. A sua explicação é simples: ele se alegra com as palavras de Jesus e com a realidade corpórea da ressurreição. O Ressuscitado, ao dizer: "E sabei que sou eu" (v. 39), faz com que os discípulos se lembrem dele como um ser corpóreo.

O cuidado de Orígenes em responder de forma inteligente às críticas de Celso é impressionante. O filósofo, colocou em primeiro lugar um judeu, na linha de frente anticristã. E precisamente com os argumentos deste judeu hostil à ressurreição de Jesus, que Orígenes contesta a não credibilidade da ressurreição. Embora ele se refira à aparição aos onze apenas duas ou três vezes, cada linha que ele escreve merece atenção e admiração.

Nas homilias sobre o terceiro evangelho, Ambrósio dedica aos evangelhos de Mateus e João a mesma atenção que dedica ao de Lucas. Para ele, assim como para a antiguidade cristã, os quatro evangelhos se expressam como um só. Sublinhando a realidade corporal do Ressuscitado, como fez Tertuliano antes dele, o bispo de Milão tenta convencer: "Como é possível que não fosse um corpo, já que permaneceram os sinais das feridas, os vestígios das cicatrizes que o Senhor mostrou que por eles foram tocados?". Medita também sobre o Ressuscitado capaz de atravessar "barreiras impenetráveis" (prosaicamente, paredes ou portas fechadas) e reflete sobre o corpo "grande" antes da ressurreição e "magro" depois.

Agostinho de Hipona prestou especial atenção a Lc 24,39-40, nada menos que oito dos seus sermões dedicados a esta passagem bíblica sobreviveram. O passado maniqueísta do bispo provavelmente explica este interesse. Identidade espiritual e incorpórea do Cristo vivo, os maniqueístas, segundo o argumento que Agostinho retoma para contradizê-lo, repetem o erro cometido pelos apóstolos: "Quod postea credederunt de Christo pessimi haeretici, prius hoc credederunt titubantes apostoli/*O que os piores hereges acreditaram depois de Cristo, os vacilantes apóstolos acreditaram primeiro*" (Bovon, 2005, p. 601).

7 Conclusão

A ressurreição de Jesus é o fato fundador do movimento que permanece após ele, sendo verificado por diversas testemunhas que, inclusive, fornecem-nos inúmeros relatos de caráter apologético sobre as aparições de Jesus a seus discípulos e demais irmãos, após ter ressuscitado corporeamente, narrado nos quatro Evangelhos (Mt 28; Mc 16; Lc 24 e Jo 20-21) e em Paulo (1Cor 15,3-8). A ressurreição de Jesus não foi uma simples reanimação de cadáver, o retorno à vida biológica anterior, como se deu nas "ressurreições" da filha de Jairo (Mt 9,18-26; Lc 8,40-56 e Mc 5,21-43), do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17) onde a interpretação lucana desse acontecimento é vista especialmente na reação das pessoas (v. 16), "um grande profeta surgiu em nosso meio, Deus visitou seu povo". O tema da "visitação", que já aparece em Lc 1,68, reaparece em Lc 19,44, onde a ambiguidade de Lc 2,34 se torna clara, isto é, essa "visitação" resultará na queda, assim como na elevação, de muitos em Israel. Isso relaciona a ressuscitação do jovem rapaz em Naim com as três parábolas nas quais o tema aparece. Na parábola do bom samaritano (Lc 10,25-37), o israelita caído no chão está quase morto, e um samaritano o restabelece, as múltiplas ressonâncias desta parábola no ministério de Jesus são importantes, mas podemos prescindir delas aqui. A parábola do filho pródigo (Lc 15,11-32), enfatiza por duas vezes que se trata de uma história de ressurreição: "este meu filho estava morto e agora vive; estava perdido e foi achado", seguido por "este teu irmão estava morto e agora vive, estava perdido e foi achado". Este uso metafórico de ressurreição, como se observa, tem em Lucas um referente concreto, Jesus recebe pecadores e come com eles e, no que se refere a estes pecadores, esta constitui uma forma impressionante e vivida de "vida dentre os mortos", um retorno real do exílio, aqui e agora, ou seja, a ressurreição futura do próprio Jesus, e de todo o povo de Deus, está chegando ao presente na pessoa e através do ministério público de Jesus. Esse uso metafórico, aqui e em outros pontos, mantém-se em linha com Ez 37, que fala do regresso do exílio do qual, o filho pródigo oferece uma imagem vívida e, também poderíamos ressaltar a ressurreição de Lázaro (Jo 11), talvez a mais conhecida entre os cristãos.

Os discípulos viram e ouviram, mas só entenderam através dos sinais da sua crucificação. O Ressuscitado é o Crucificado, não se separa as chagas da cruz, são chagas gloriosas, mas continuam chagas. Lucas insiste na corporeidade do Ressuscitado. Mesmo que o corpo do Ressuscitado tenha outras categorias, não tem mais as dimensões de tempo e espaço, própria da materialidade deste tempo e espaço em que vive a humanidade. Ele pode entrar em qualquer espaço e desaparecer, isso não é mais um problema, agora ele está muito além dessa realidade corpórea humana, embora conserve a visibilidade dos sinais e marcas em seu corpo glorioso. Por isso mesmo é que, não obstante sejam realidade distintas, o Evangelista insiste que há uma profunda identidade entre o Crucificado e o Ressuscitado, pois se trata da mesma pessoa divina que passou pelas duas experiências.

A aparição de Jesus como o Ressuscitado é o futuro que invade o presente, trazendo o legado do passado. Jesus, ao não ser reconhecido pelos discípulos de Emaús que estavam com ele horas antes desse acontecimento em Jerusalém, demonstra que o não reconhecimento está atrelado a essa realidade escatológica presente em sua corporeidade, isto é, Jesus dá início a uma nova era e também a uma nova raça, a dos eleitos, santos e ressuscitados, que inclusive o próprio apóstolo Paulo faz menção quando relata o seu encontro com o Senhor Jesus Ressuscitado (1Cor 15,5-8; Gl 1,15-16), onde ele traz à tona essa experiência ao dizer que "ainda que também tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora, já não o conhecemos deste modo" (2Cor 5,16), expressando assim essa nova realidade inaugurada pelo Senhor Jesus Cristo.

Nesta passagem (Lc 24,36-49), Lucas conta como o Jesus Ressuscitado demonstrou sua verdadeira identidade. Cristo sempre foi o mesmo, embora tenha passado pela morte e alcançado a glória divina. O evangelista, portanto, faz surgir a normalidade do imprevisível e o imprevisível da normalidade. Ele acrescenta um ensinamento final de Jesus a esta última aparição. Este ensinamento também se enquadra num paradoxo, pois Lucas, que insiste no enraizamento bíblico dos discursos de Cristo e na harmonia entre os proferidos depois da ressurreição e os proferidos antes, apresenta, no entanto, algo de novo, que diz respeito à missão confiada aos discípulos que continua a ser a mesma para todo o crente hoje: vá e pregue a todas as nações, aliás, pedido este também contido no final dos outros dois Sinóticos (Mt 28,18-20 e Mc 16,14-20).

A vivência da ressurreição traz consigo um elemento crucial: a prioridade da relação com o próximo. Tudo que possuímos e somos provém do outro, é fruto de outrem. A vida de Jesus não pode ser compreendida sem sua ligação com o Pai, que o ressuscita e o conduz à vitória sobre a morte e, a nossa não pode ser compreendida sem sua relação com o Ressuscitado e com o outro, a quem Ele nos envia a falar do seu amor e graça. É a relação com o outro que direciona sua vida, e somente ao abrir-se para essa realidade é que ele pode se concretizar e encontrar sua felicidade. Jesus representa o outro que nos desafia através de sua generosidade e seu percurso de simplicidade e humildade. Ao contemplar Jesus, que vive, age e realiza somente o que lhe é concedido pelo Pai, o cristão percebe que tudo que possui é dom e graça, e que só terá acesso à vida genuína se adentrar nessa dinâmica de gratuidade, que se desdobra para fora e se encontra com o próximo.

Todo esse percurso de graça e de benevolência alcançará o auge na contemplação dos mistérios da ressurreição, momento de se regozijar por Ele e com Ele. A graça que devemos buscar não consistirá na satisfação resultante do alívio de deixar para trás uma situação de dor e desespero para entrar em outra de felicidade e glória. Será, de forma delicada e elegante, buscar alegria pela felicidade do outro. É completo desapego, completa saída de si mesmo, completa gentileza.

Referências

BEALE, Gregory K. *Teologia Bíblica do Novo Testamento*. A continuidade teológica do Antigo Testamento no Novo. São Paulo: Vida Nova, 2018.

BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.

BOVON, François. *Vangelo di Luca*. Brescia: Paideia, 2005.

BROWN, Raymond E. *Introdução ao Novo Testamento.* 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

CRIMELLA, Matteo. *Luca*: Introduzione, traduzione e commento. Milano: San Paolo, 2015.

DUNN, James G. D. *Jesus Recordado*. Contagem: Biblioteca Teológica; São Paulo: Paulus, 2022.

FITZMYER, Joseph. *El evangelio segun Lucas: Tomo IV*. Huesca: Ediciones Cristiandad, 2006.

GONZAGA, Waldecir. A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLLO, Isidoro; FERNANDES, Leonardo A.; LIMA, Maria de Lourdes C. (org.). *Exegese, Teologia e Pastoral, relações, tensões e desafios*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015. p. 201-235.

GONZAGA, Waldecir. *Compêndio do Cânon Bíblico.* Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos. Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos. Rio de Janeiro, EdiPUC-Rio; Petrópolis: Vozes, 2019.

GRASSO, Santi. *Luca*: Traduzione e commento. Roma: Borla, 1999.

GREEN, Joel B. *The Gospel of Luke*. Grand Rapids: W.B. Eerdmans Pub. Co., 1997.

GUTHRIE, Donald. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

HENDRIKSEN, William. *Lucas:* Volume 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

LADD, George E. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2003.

MAINVILLE, Odette., *As cristofanias do Novo Testamento*: historicidade e teologia. São Paulo: Loyola, 2012.

NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Barbara; ALAND, Kurt; KARAVIDOPOULOS, Johannes; MARTINI, Carlo M.; METZGER, Bruce M. (ed.). *Novum Testamentum Graece.* 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgeselschaft; Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

NOLLAND, John. *Luke: 18:35–24:53*. Dallas: Word Books, 1993.

PERONDI, Ildo. As refeições de Jesus em Lucas. *Estudos Bíblicos***,** Petrópolis, v. 35, n. 137, p. 85-101, jan/mar 2018. Disponível em: https://revista.abib.org.br/EB/article/view/80/80. Acesso em 1 fev. 2024.

RAHLFS, Alfred; HANHART, Robert. (ed.). *Septuaginta*. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft. 2006.

ROSSÉ, Gérard. *Il Vangelo di Luca*. Commento esegetico e teologico. Roma: Città Nuova, 2020.

WOLTER, Michael. *The gospel according to Luke*: Vol II: Luke 9:51–24. Texas: Baylor University Press, 2016.

WRIGHT, Nicholas T. *A Ressurreição do Filho de Deus*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2017.